

AS BASES FILOSÓFICAS DA VISÃO NA CONTEMPORANEIDADE A RESPEITO DE DEUS

The philosophic bases of the vision of God in contemporaneity

Adelcio Machado dos Santos¹

Joel Haroldo Baade²

RESUMO

As concepções a respeito de Deus, seja na história da ciência e da filosofia, ou na história da teologia são bastante díspares. As raízes da compreensão contemporânea sobre a ideia de Deus estão na Grécia Antiga, mas cujas concepções sofrem inúmeras mudanças ao longo da história, devido a múltiplas influências. A partir disso, o objetivo da presente análise é esboçar o desenvolvimento das compreensões a respeito da ideia de Deus ao longo da história ocidental de modo a compreender a concepção contemporânea a respeito de Deus. A abordagem é de natureza exploratória e descritiva, fazendo uso de fontes bibliográficas. Conclui-se que o desenvolvimento histórico da ideia de Deus, da filosofia e da ciência não permite descartar a ideia de Deus como algo contrário à razão humana.

¹ Pós-Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Ecumenismo e Diálogo Interreligioso. Docente e Pesquisador do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento e Sociedade e do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. Contato: e-mail: adelciomachado@gmail.com.

² Doutor em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Docente e Pesquisador do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento e Sociedade e do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. Contato: e-mail: baadejoel@gmail.com.

Palavras-chave: Conceito de Deus; religião; filosofia; contemporaneidade.

ABSTRACT

The conceptions about God, be they in the history of science and of philosophy, or in the history of theology are quite disparate. The roots of the contemporary comprehension about the idea of God are in Ancient Greece, but these conceptions go through innumerable changes throughout history due to multiple influences. Based on this, the goal of this analysis is to outline the development of the comprehensions of the idea of God throughout western history so as to understand the contemporary conception about God. The approach is of exploratory and descriptive nature making use of bibliographic resources. The conclusion is that the historical development of the idea of God, from philosophy to science, does not permit discarding the idea of God as something contrary to human reason.

Keywords: Concept of God; religion; philosophy; contemporaneity.

INTRODUÇÃO

[...] Se todos os seres fossem corruptíveis, então tudo o que existe seria corruptível. Mas é impossível que o movimento se gere e se corrompa, porque ele sempre foi, e também é possível que se gere e se corrompa o tempo, porque não haveria o antes e o depois se não existisse o tempo. Portanto, o movimento é contínuo, assim como o tempo: de fato, o tempo ou é a mesma coisa que o movimento ou uma característica dele [...]. Se existisse um princípio motor e eficiente, mas que não fosse em ato, não haveria movimento; de fato, é possível que o que tem potência não passe ao ato [...]. É necessário que haja um princípio, cuja existência seja o próprio ato.³

Aristóteles, no excerto acima apresentado, a respeito do “Primeiro Motor”, esclarece que, de acordo com sua experiência do mundo, o movimento parece eterno, pois não há indícios de que ele seja gerado e se corrompa. O mesmo se dá com o tempo: com efeito, o tempo é uma forma de medir o “antes” e o “depois” das coisas, ou seja, o movimen-

³ ARISTÓTELES, *Metafísica*: livro XII. [S.l.]: [s.n.], [2002].

to, a mudança. Ele é uma característica do movimento. Ora, esse dinamismo eterno não mostra ter-se originado de si mesmo, de maneira que é preciso supor uma causa externa para ele. Mas tal causa, sendo princípio e origem do movimento, tem de ser em ato, ou seja, tem de ser perfeita, acabada, pois, caso contrário, parecerá submissa ao mesmo movimento (e não será, então a causa dele) ou poderá nem vir a existir.

O primeiro motor, então, tem de ser em ato; sua essência deve ser ato; portanto, imóvel. Quer dizer, ele deve ser tudo o que ele é; um ser em perfeição, sem mudança nenhuma, pois, caso contrário, se ele sofrer alguma mudança ou alguma carência, significará que terá recebido ou poderá receber algum movimento de outro ser, algum complemento, e isso o fará buscar a origem do movimento eterno em outro ser. A pesquisa correria o risco de ser reaberta ao infinito.⁴

“Deus” é um tema que interessa à filosofia desde a aurora do pensamento grego até hoje. Há filósofos que apresentam razões para afirmar sua existência, sua ação na vida humana etc. como também há filósofos que apresentam motivos para não afirmar isso. Pode-se discutir se as razões de ambas as tendências são válidas e se elas correspondem de fato ao que ensina a experiência humana.⁵

Este artigo, que disserta sobre a visão da contemporaneidade a respeito de Deus, alicerça-se, em pesquisa bibliográfica, cujas referências encontram-se elencadas ao final deste estudo, tomando-se, à guisa de texto norteador, o livro “Deus”, da lavra de Juvenal Savian Filho.⁶

O estudo parte da Ideia Comum que destaca o modo como Deus se opera na existência cotidiana, seja de uma forma constante,

⁴ SAVIAN FILHO, Juvenal. *Deus*. São Paulo: Globo, 2008.

⁵ SAVIAN FILHO, 2008.

⁶ SAVIAN FILHO, 2008.

como horizonte permanente da vida, ou de uma forma ocasional, em meio às “distrações”. Aborda-se, para início de análise, três concepções de aproximação do divino: A maneira de se aproximar de Deus segundo o senso comum, na qual Ele é invocado como Pai; em seguida aborda-se a Ideia Religiosa que se enfatiza a relação ou, para alguns autores, a falta de relação entre Deus e o ser humano. Emana deste fato a insistência em motivos tais como o sentimento de criação e o caráter pessoal do divino, a dependência absoluta ou a transcendência absoluta. A aproximação de Deus na ideia religiosa, em que impera o sentimento de que Ele está no fundo da própria personalidade, a qual, por outro lado, se considera indigna Dele. Por fim, demonstra-se a ideia filosófica que acentua a relação de Deus com o mundo.

Aristóteles, discípulo de Platão⁷, embora também fosse platônico, destoa de seu mestre na explicação do mundo, mas concorda que deve haver um ser divino que seja a causa da transformação eterna do mundo, pois, caso não se afirme isso, a experiência do mundo parecerá absurda. Os filósofos da Idade Média eram herdeiros do pensamento greco-romano. É verdade que o pensamento dos filósofos da Idade Média se diferenciava bastante do pensamento greco-romano, pois, enquanto os antigos não concebiam Deus como um ser com o qual os seres humanos podem relacionar-se, é exatamente assim que praticamente a totalidade dos filósofos da Idade Média o veem.

O pensamento filosófico na Modernidade, isto é, nos séculos XVI a XVIII, foi marcado por uma atitude de crítica do pensamento antigo e

⁷ Platão foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Juntamente com seu mentor, Sócrates, e seu pupilo, Aristóteles.

medieval. Alguns filósofos, por isso, não hesitavam em concluir que o Deus da religião tinha de ficar fora da pesquisa científica, pois ele não podia ser verificado pela experiência empírica. No máximo, poderíamos falar de Deus como um ser que desempenha um papel na organização do universo.

René Descartes⁸ concebeu Deus de maneira não religiosa em sua filosofia. Leibniz⁹ afirma que a existência de Deus mostra-se como condição necessária e suficiente da explicabilidade da existência das coisas contingentes, pois diante da ideia do ser que porta a razão de sua existência em si mesmo, não é preciso mais remeter a outras coisas para explicar sua existência. Mas na contemporaneidade, Deus é o mundo. É preciso voltar sem cessar a Deus com a paixão e a audácia do pensamento, com a verdade das perguntas e todas as implicações das contradições da vida.¹⁰

1 A CIÊNCIA E A RELIGIÃO

A ciência não pode ser nem a favor nem contra Deus, porquanto ela se baseia em evidências sensíveis, e Deus não entra no campo das evidências sensíveis. Uma análise filosófica do debate entre ciência e religião revela muitas coisas. Uma delas é que esse tipo de problemática é levantada de maneira um tanto artificial. A observação mostra que ninguém tem fé porque quer afirmar que o mundo tem um criador. A fé pare-

⁸ René Descartes (1596-1650) foi filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo por seu trabalho revolucionário na filosofia e na ciência, mas também obteve reconhecimento matemático.

⁹ Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716), foi filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. Demonstrou genialidade também nos campos da lei, religião, política, história, literatura, lógica, metafísica e filosofia.

¹⁰ OLIVEIRA, Manfredo; ALMEIDA, Custódio (Orgs.). *O Deus dos filósofos modernos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ce começar, na verdade, na experiência íntima de Deus que conquista o coração humano. Imaginar que alguém passe a ter fé depois de ter refletido sobre a Criação ou não do mundo é algo distante do que parece acontecer com os que têm fé.¹¹

Seja para firmar que o Universo tem um Criador, seja para negar tal asserção, o cientista deve honestamente assumir que precisa exorbitar os lindes da pesquisa científica, indo para a área da Teologia, nomeadamente a Metafísica. Ademais disso, tudo o que uma ciência afirma, por mais seguro que seja, não deixa de ser marcado por certa precariedade, aquela da possibilidade de ser revisto e, inclusive, refutado.¹²

Com o intuito de situar-se no objetivo deste estudo, cumpre colimar o que Mora (2000) aponta como as três ideias para o problema de Deus: a comum, a religiosa e a filosófica. Frisando que estas três ideias em questão não costumam existir separadamente: o homem religioso, o filósofo e o homem comum podem coexistir numa mesma personalidade humana.¹³

1.1 A ideia comum

Esta ideia destaca o modo como Deus se verifica na existência cotidiana, seja de uma forma constante, como horizonte permanente da vida, ou de uma forma ocasional, em meio às “distrações”. A maneira de se aproximar de Deus, no senso comum, é que Ele é invocado como Pai.¹⁴

1.2 A ideia religiosa

Essa ideia enfatiza a relação ou, para alguns autores, a falta de relação entre Deus e o ser humano. Daí a insistência em motivos tais

¹¹ SAVIAN FILHO, 2008.

¹² SAVIAN FILHO, 2008.

¹³ MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000. Tomo I.

¹⁴ MORA, 2000.

como o sentimento de criaturidade, o caráter pessoal do divino, a dependência absoluta ou a transcendência absoluta. A maneira de se aproximar de Deus, na ideia religiosa, Ele é sentido como se estivesse no fundo da própria personalidade, a qual, por outro lado, se considera indigna Dele.

Esta pesquisa delimitou o assunto Deus em uma visão monoteísta, cujas principais religiões são a Cristandade, o Islam e o Judaísmo. Estas três religiões são denominadas monoteístas porque creem na existência de um único Deus.

As tradições religiosas monoteístas costumam afirmar que Deus respeita a existência do mal moral porque a possibilidade de o ser humano equivocar-se é exigida por uma faculdade fundamental outorgada por Deus, o dom da liberdade. Do ponto de vista filosófico, essa explicação parece racional, porquanto não afirma a existência de alguma natureza má em si mesma (o que seria contraditório), mas define o mal como possibilidade de equívoco resultante da condição humana limitada.¹⁵

O islamismo, por exemplo, apregoa, de acordo com Al-Karam (2000), que todos os profetas e mensageiros vieram com uma só missão, uma só religião e que o Profeta Muhammad¹⁶ não se diferencia dos profetas anteriores a ele, Jesus e Moisés; que Jesus, filho de Maria, não difere de Moisés, nem Moisés, o Profeta de Deus, difere dos profetas que o sucederam, Jesus e Mohammad. Todos pregaram a religião de Abraão, o Patriarca dos profetas, a religião do monoteísmo, da paz e da submissão ao Criador Único.¹⁷

¹⁵ SAVIAN FILHO, 2008.

¹⁶ Profeta muçumano, foi um líder religioso e político árabe.

¹⁷ KARAM, Amim Abdel Rahman. *A unicidade de Deus, e Mohamad, na Bíblia*. São Bernardo do Campo: Provo, 2000.

Para Al-Karam (2000), é logicamente e legalmente impossível que os ensinamentos de um dos profetas a respeito de Deus difiram dos ensinamentos de outro, ou sejam contraditórios, principalmente no que diz respeito aos relacionados com a Pessoa de Deus, Seus atributos, Sua Unicidade, Sua Perenidade, Seu Absolutismo e Sua Eternidade.¹⁸

2 A IDEIA FILOSÓFICA

A ideia filosófica acentua a relação de Deus com o mundo. Por isso, segundo essa ideia, Deus é visto como um absoluto, como fundamento das existências, como causa primeira, como finalidade suprema. A maneira de se aproximar de Deus, na ideia filosófica, é que Ele é pensado como Ente supremo.

Saviani Filho (2008), por exemplo, enfatiza que interessa muito o que alguns filósofos antigos afirmaram sobre Deus. Alguns deles, em suas filosofias, deduziram a necessidade de afirmar a existência de um ser divino, pois, caso contrário, a experiência do mundo pareceria absurda. Em outras palavras, para alguns filósofos gregos e romanos, ou se afirma a existência de um ser divino ou tudo o que parece ocorrer no mundo não fará o menor sentido, será absurdo.¹⁹

Por sua vez, Mora (2000) declara que os filósofos tendem a fazer de Deus um objeto de especulação racional. Isso explica as conhecidas concepções filosóficas, das quais o autor menciona algumas: Deus é um ente infinito; é o que é em si, e por si se concebe; é um absoluto ou, melhor dizendo, o Absoluto; é o princípio do universo, o Primeiro Motor, a causa primeira; é o Espírito ou a Razão universal; é o Bem; é o

¹⁸ KARAM, 2000.

¹⁹ SAVIAN FILHO, 2008.

Uno; é o que está para além de todo o ser; é o fundamento do mundo e até o próprio mundo entendido em seu fundamento; é a finalidade a que tudo tende.²⁰

Algumas dessas concepções foram elaboradas e aprimoradas por filósofos cristãos; outras procedem da tradição grega; outras estão inseridas em certas estruturas “permanentes” da razão humana.²¹

2.1 Filósofos da antiguidade

Platão chega, pois, à conclusão de que é preciso supor a existência de um ser primeiro, garantia das identidades eternas, as quais, por sua vez, seriam refletidas no material mutável, de maneira que a soma de ambos produziria as coisas individuais. Ao ser primeiro que imprime a identidade em cada coisa, Platão chamou de Demiurgo ou Artífice, o qual, seguindo o modelo eterno do Bem, representa o princípio do dinamismo de tudo o que é gerado.²²

Aristóteles, embora epígono de Platão, destoa de seu mestre na explicação do mundo, todavia concorda que deve haver um ser divino que seja a causa da transformação eterna do mundo, visto que, caso não se afirme isso, a experiência do mundo afigurar-se-á disparatosa. Nesse sentido, Aristóteles constata, pela experiência sensível, que todas as coisas se transformam, estão em contínua mudança. Quando ele fala de “mudança”, refere-se ao mesmo dinamismo universal já estudado por Platão.²³

²⁰ MORA, 2000; COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Maniqueísmo: história, filosofia e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.

²¹ COSTA, 2003.

²² SAVIAN FILHO, 2008.

²³ ARISTÓTELES, 2002.

2.2 Filósofos da Idade Média

Os filósofos da idade média não se interessavam por deus mormente porque eles eram herdeiros do pensamento greco-romano. é ve-raz que o pensamento dos filósofos da idade média se diferencia do pensamento greco-romano, pois, enquanto os antigos não concebiam deus como um ser com o qual os seres humanos podem relacionar-se, é exatamente assim que praticamente a totalidade dos filósofos da idade média o veem.²⁴

Verifica-se, por conseguinte, uma mudança no modo de tratar o tema “Deus”, porquanto os filósofos judeus, cristãos e muçulmanos, a par de conceberem o divino como um ser do qual depende a harmonia cósmica, concebê-lo-ão também – em continuidade com suas religiões – como um ser com o qual é exequível estabelecer uma relação dialógica. Nesse sentido, para entender o período da Idade Média, precisa-se evitar o preconceito muito recorrente de que os filósofos queriam difundir suas religiões, e, por isso, falavam de Deus. O procedimento é outro. Trata-se de identificar, no ser divino venerado pelas religiões, as características que permitem identificá-lo filosoficamente como o ser do qual depende a existência de todas as coisas, como faziam os gregos sem falar de religião.²⁵

2.3 Filósofos da Modernidade

O pensamento filosófico na Modernidade, isto é, nos séculos XVI a XVIII, foi marcado por uma atitude de crítica do pensamento antigo e medieval. Deus passa a ser tratado de maneira um pouco diferente de como era até então. De modo geral, pode-se dizer que os filósofos moder-

²⁴ SAVIAN FILHO, 2008.

²⁵ SAVIAN FILHO, 2008.

nos tinham como preocupação primeira estabelecer aquilo que podia ser conhecido “racionalmente” (cientificamente, empiricamente) e aquilo que escapava ao campo da razão (da ciência). Alguns filósofos, por isso, não hesitavam em concluir que o Deus da religião tinha de ficar fora da pesquisa científica, pois ele não podia ser verificado pela experiência empírica. No máximo, se poderia falar de Deus como um ser que desempenha um papel na organização do universo.²⁶

René Descartes concebeu Deus de maneira não religiosa em sua filosofia. Mesmo dizendo ter certa fé religiosa, para ele chegar a Deus era apenas uma exigência da razão, na medida em que tudo o que existe, contendo em si uma completude e não sendo causa de si mesmo, tem de provir de algo mais perfeito.²⁷

Leibniz, citado por Oliveira e Almeida (2002), afirma que a existência de Deus mostra-se como condição necessária e suficiente da explicabilidade da existência das coisas contingentes, pois diante da ideia do ser que porta a razão de sua existência em si mesmo, não é preciso mais remeter a outras coisas para explicar sua existência. A ideia de Deus, porquanto tem em si o conceito de necessidade, rompe com a sequência das explicações meramente relativas e remete diretamente à razão última de todas as coisas.²⁸

Gaarder (1995), em seu *best-seller* “O mundo de Sofia”, destaca que para Spinoza, Deus não é alguém que criou o mundo um dia e desde então é uma entidade à parte de sua criação. Deus é o mundo. Às vezes Spinoza se expressa de uma forma um pouco diferente e diz que o mundo *é em Deus*, fazendo referência ao discurso do apóstolo Paulo que diz: “porque nele vivemos, nos movemos e existimos”.²⁹

²⁶ SAVIAN FILHO, 2008.

²⁷ DESCARTES, René. *Meditações sobre filosofia primeira*. São Paulo: UNICAMP, 2004.

²⁸ OLIVEIRA; ALMEIDA, 2002.

²⁹ GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

Immanuel Kant³⁰, seguindo esse espírito de separação de territórios, passou a reservar “Deus” como alvo de interesse para a legislação moral, pois, no seu dizer, o que se chama de Deus não resistiria à análise científica para impor-se como objeto desse tipo de análise.³¹ Conforme explicita Fialho (1993), só o gênio de Kant possibilitou que se salvasse a Ciência e a Filosofia das trevas onde elas foram atiradas.³²

3 CRISE DA RAZÃO E CONTEMPORANEIDADE

A partir do século XIX, para que a filosofia seja realmente próxima da vida, ela se sente instalada a considerar seriamente outros elementos (antropológicos, psicológicos, econômicos, culturais), sem ficar apenas com a ferramenta da “razão” científica, tal como concebida na Modernidade. Requer-se em alargamento no conceito de razão, e, desse ponto de vista, o tema “Deus”, como todos os outros temas, passa a receber uma abordagem diferente. Assim, justamente porque importa agora, na contemporaneidade, considerar esses outros elementos na reflexão filosófica, os filósofos não se dedicarão tanto a pesquisar sobre a vida de Deus, sua essência, como fizeram os filósofos anteriores, mas estudar o que Deus representa para a vida humana. Se antes os filósofos perguntavam “Quem ou o que é Deus?”, agora, nos séculos XIX e XX, eles passam a perguntar “O que se passa com o ser humano se ele acreditar em Deus?”, ou então “Por que crer em Deus?”³³

³⁰ Immanuel Kant ou Emanuel Kant (1724 - 1804) foi um filósofo alemão, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes.

³¹ KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

³² FIALHO, Francisco. *A eterna busca de Deus*. Sobradinho, DF: Edicel, 1993.

³³ SAVIAN FILHO, 2008.

Kierkegaard³⁴ foi um crítico radical do pensamento excessivamente racionalista dos filósofos modernos porque, na sua experiência, ele reputava falsa, e muito distante da vida, a filosofia que se perde nos conceitos.

Karl Marx³⁵ conduziu a reflexão filosófica mais para o campo da existência social e menos para as experiências do indivíduo. No seu dizer, a sociedade é uma realidade histórica que se perfaz graças a contradições internas de ordem econômica. *Grosso modo*, pode-se dizer que, para Marx, a existência seria material, sem dimensões não-materiais. Destarte, faz-se mister conceber o humano como parte da natureza material, e, por isso, como um ser cuja identidade é a de produzir seu mundo a partir das coisas exteriores. Deus, dessa perspectiva, é visto por Marx como o nome dado pelos seres humanos para o sentido que eles dão à sua vida como forma de iludir-se e de escapar à necessidade de aceitar o verdadeiro sentido, qual seja, a vida material terrestre.³⁶

Nietzsche³⁷, por sua vez, apresenta uma reflexão vigorosa sobre a cultura, sendo por isso conhecido muitas vezes como um demolidor implacável dos valores morais. Na verdade, o que ele fez foi revelar os disfarces sob os quais se ocultam, nos valores morais, desejos e instintos reprimidos, que terminam por contaminar de má-fé a natureza boa desses valores. Para ele, Deus e a ideia de dever (que caracterizam a moral e a metafísica) não passariam de invenções para abdicar dos instintos que caracterizam o ser humano.³⁸

³⁴ Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) foi um filósofo e teólogo dinamarquês.

³⁵ Karl Heinrich Marx (1818 - 1883) foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, que atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista.

³⁶ SAVIAN FILHO, 2008.

³⁷ Friedrich Wilhelm Nietzsche, por vezes em português Frederico Nietzsche (1844 - 1900) foi um influente filósofo alemão do século XIX.

³⁸ SAVIAN FILHO, 2008.

Freud³⁹, mais interessado em analisar a vida psíquica do ser humano, julgava que as ideias religiosas não resultam de uma experiência ou de um resultado final de reflexão, mas são ilusões, formas de efetivação de anelos antigos. Para Freud, a criança, enquanto é protegida pela figura paterna, sente-se confortável. Na vida adulta, se ela não se tornar realmente adulta e não assumir a fragilidade da vida humana, elaborando-a, procurará subterfúgios para fugir de seu sofrimento. Um desses subterfúgios seria a religião, cujo nascimento, no dizer de Freud, se deu justamente como forma de substituir a figura paterna, em uma relação enfermiça.⁴⁰

Contudo, o que um filósofo pode concluir sobre o significado de Deus ou dessa presença divina para as pessoas que creem? Uma análise filosófica do modo como falam de Deus aqueles que têm fé amadurecida e consciente constata que as pessoas têm fé porque, por meio do aprofundamento de uma experiência (de felicidade ou de dor), percebem que a vida delas tem um significado mais amplo e não se exaure nos lindes do momento presente.⁴¹

Filosoficamente falando, não é incoerente pensar em Deus nem dizer que ele é transcendental, princípio ou causa de tudo o que há, absoluto, único, eterno, perfeito, onisciente, onipresente, pessoal e providencial. De certa maneira, as concepções de Deus aqui apresentadas confirmam um ou outro desses atributos.⁴²

Entretanto, retomando todos aqueles predicados atribuídos a Deus pela concepção religiosa, não parece muito racional dizer que ele é oni-

³⁹ Sigmund Freud (1856 - 1939) foi um médico neurologista austríaco e judeu, fundador da psicanálise.

⁴⁰ SAVIAN FILHO, 2008.

⁴¹ SAVIAN FILHO, 2008.

⁴² SAVIAN FILHO, 2008.

potente, nem que ele é bom, afinal, se ele é bom, como explica a existência do mal no mundo? E, se ele é onipotente (isto é, se ele pode fazer tudo o que quiser), por que não extirpa o mal da face da terra?⁴³

Para responder a tudo isso é preciso entender, antes, o que se chama de mal. Algumas tradições orientais dizem que o mal é uma das dimensões do ser, visto que há o bem e o mal, contrários e produtores de harmonia. Essa posição, entretanto, não resiste a uma análise racional, pois, ao se dizer que o “bem” é uma dimensão do ser, como poderá o “mal”, que é contrário ao bem, também constituir o ser? Não será ele o não-ser? E vice-versa? Em vez de harmonia de contrários, o que se tem é uma implosão do ser. Por isso, logo cedo na história do pensamento ocidental, os filósofos se recusaram a admitir que exista alguma coisa má em si mesma no mundo. Quando os filósofos religiosos tiveram de refletir sobre isso, chegaram à mesma conclusão, pois, se houver alguma coisa má em si mesma, ela terá vindo de Deus, e então Deus conterà o mal em si mesmo, de modo que se anularia.⁴⁴

Desse ponto de vista, nem procela nem enfermidade seriam más em si mesmas; elas seriam o resultado do dinamismo da vida, e, por conseguinte, cumpririam uma função no conjunto. A única forma possível para falar do mal é pensando-o como algo moral, ou seja, ligado à liberdade do ser humano. Assim, em vez de fazer o bem, o ser humano escolhe fazer ações desordenadas, mas isso não significa produzir uma substância chamada “o mal”, nem algo mau em si mesmo. Isso pode significar um equívoco, uma cegueira. Nessa linha, se Deus é onipotente, por que não extirpou o mal da face da terra? Por que permitiu que ele existisse?⁴⁵

⁴³ SAVIAN FILHO 2008.

⁴⁴ KLOPPENBURG, Boaventura. *A fé do cristão católico de hoje*. Petrópolis: Vozes, 2001. SAVIAN FILHO, 2008.

⁴⁵ KLOPPENBURG, 2001; SAVIAN FILHO, 2008.

Contudo, para que crer em Deus se as religiões constituem manancial de guerra e intolerância? Antes de tudo é preciso distinguir entre Deus e as religiões, sabendo que Deus não pode ser responsabilizado pelas incoerências perpetradas pelas religiões. Ademais disso, faz-se mister lembrar que nem toda religião perpetra violência. Posto que os aspectos negativos do transato cristão na Idade Média, à guisa de exemplo, não podem obstar a visão dos intermináveis contributos que a fé cristã trouxe para o desenvolvimento do civilização ocidental.⁴⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, não se pode deixar de concordar com Forte (2002), ao afirmar que, para poder atrair as pessoas a Deus, a Igreja necessita voltar continuamente a Ele, pertencer-Lhe sem reservas e sem vínculos e tomar o caminho da reforma e da conversão, no reconhecimento das próprias culpas e na alegre confissão do Eterno que visitou o tempo para que o tempo acolha o Eterno. E isto supõe uma profunda consciência crítica, uma consciência teológica em nada superficial ou episódica. É preciso voltar sem cessar a Deus com a paixão e a audácia do pensamento, com a verdade das perguntas e todas as implicações das contradições da vida.

Todavia, aqui novamente apropria-se das palavras de Savian Filho (2008), de acordo com o qual um filósofo pode concluir sobre o significado de Deus ou dessa presença divina para as pessoas que creem? Uma análise filosófica do modo como falam de Deus aqueles que têm fé amadurecida e consciente constata que as pessoas têm fé porque, por meio do aprofundamento de uma experiência (de felicidade ou de dor), perce-

⁴⁶ SAVIAN FILHO, 2008.

bem que a vida delas tem um significado mais amplo e que não se esgota nos limites do momento presente.

Em suma, e fulcrando-se no magistério de Fialho (1993), toda a Filosofia e toda a Ciência só se revestem de sentido admitida a existência de Deus e negá-lo importa considerar como não válidos tanto a Lógica como a possibilidade de teorizar em cima de experimentos.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, *Metafísica*: livro XII. [S.l.]: [s.n.], [2002].
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. *Maniqueísmo*: história, filosofia e religião. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DESCARTES, René. *Meditações sobre filosofia primeira*. São Paulo: UNICAMP, 2004.
- FIALHO, Francisco. *A eterna busca de Deus*. Sobradinho, DF: Edicel, 1993.
- GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia*: romance da história da filosofia. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- KARAM, Amim Abdel Rahman. *A unicidade de Deus, e Mohamad, na Bíblia*. São Bernardo do Campo: Provo, 2000.
- KLOPPENBURG, Boaventura. *A fé do cristão católico de hoje*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1999.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000. Tomo I.
- OLIVEIRA, Manfredo; ALMEIDA, Custódio (Orgs.). *O Deus dos filósofos modernos*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SAVIAN FILHO, Juvenal. *Deus*. São Paulo: Globo, 2008.